

On - Off: Os Novos Parâmetros de Sociabilidade Surgidos Com As Comunidades Virtuais¹

Edwaldo Costa²

Karol Natasha Lourenço Castanheira³

Resumo

Este artigo pretende discutir o entrelaçamento entre as relações virtuais e aquelas ocorridas no mundo real, a partir das comunidades ou grupos virtuais estabelecidas através de softwares especializados em comunicação mediada por computador. As múltiplas possibilidades verificadas induzem novos parâmetros de convivência e de inserção social. No entanto, nada pode ser considerado definitivo, em razão da dinâmica das redes virtuais e da velocidade das transformações que ocorrem na rede mundial de computadores. A metodologia utilizada parte da pesquisa bibliográfica e da pesquisa exploratória em redes sociais.

Palavras-chave

Redes Sociais; Comunidades; Sociabilidade

Introdução

Há pouco mais de duas décadas, o advento da World Wide Web (WWW) – a rede mundial de computadores – provocou uma verdadeira revolução nas relações interpessoais, ditando novos parâmetros de comportamento. Tal condição se faz cada vez mais verdadeira e norteia a vida de um número cada vez maior de usuários da internet e, em especial, das redes sociais.

Estudiosos dos mais variados segmentos se debruçam sobre o fenômeno das redes sociais em busca do entendimento da dinâmica da formação de grupos virtuais e como eles afetam o comportamento e a atividade individual de seus integrantes.

Costa (2005, p. 34) salienta que todo tipo de grupo, comunidade, sociedade é “fruto de uma árdua e constante negociação entre preferências individuais”. O autor também reflete que:

¹ Artigo apresentado no Eixo 7 – Redes sociais na Internet e Sociabilidade online do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

² Docente do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e doutorando pela Pontifícia Católica de São Paulo (PUC).

³ Docente do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e mestre pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-Bauru).

O fato de estarmos cada vez mais interconectados uns aos outros implica que tenhamos de nos confrontar, de algum modo, com nossas próprias preferências e sua relação com aquelas de outras pessoas. E não podemos esquecer que tal negociação não é nem evidente nem tampouco fácil. Além disso, o que chamamos de preferências “individuais” são na verdade fruto de uma autêntica construção coletiva, num jogo constante de sugestões e induções que constitui a própria dinâmica da sociedade (COSTA, 2005, p.36).

Estabelecido tal conceito, impõe-se a reflexão sobre os hábitos de utilização da rede mundial de computadores, como passo primeiro para o entendimento do que foi alterado com o advento das redes sociais – desde seus primórdios, com as salas de chat e aplicativos como ICQ, MSN e agora com o Facebook, Twitter e LinkedIn.

A Evolução

As salas de chat ou salas de bate-papo foram o primeiro terreno de interação virtual oferecido pelos sítios de internet, que não os serviços de correio eletrônico (e-mail). Neles, o usuário podia encontrar pessoas com gostos e objetivos semelhantes, usando a WWW para interagir com usuários que muitas vezes nem conhecia pessoalmente.

As relações virtuais evoluíram a partir de tais salas, levando aos aplicativos de relação mais direta, como o ICQ e o MSN, em que o usuário escolhe quem adicionar e com quem relacionar-se virtualmente.

O surgimento dos “mini sites” – blogs – que permitem atualizações diárias, mais curtas e intensas, gerou uma revolução, patrocinando uma exposição maior dos usuários da rede.

A exposição de preferências intelectuais e até mesmo de opções sexuais fomentou uma verdadeira febre de blogs, onde tudo é comentado e imediatamente divulgado.

A aproximação possibilitada por tais instrumentos induziu aquilo que podemos chamar de “realismo virtual”, em que os usuários se expõem e provocam a exposição alheia – para o bem e para o mal. Escândalos são instantâneos e de repercussão

planetária. A vida das celebridades tornou-se ainda mais devassável e o usuário comum pode viver a fantasia de se tornar famoso na rede mundial de computadores a partir de páginas pessoais e de obter seguidores em larga escala.

É, portanto, natural que os usuários de tais aplicativos tenham anseios de verdadeiros contos de fadas, como o de encontrar a “alma gêmea” nas redes sociais ou simplesmente romper a condição de solidão em que possam viver. Ter milhares de amigos no Twitter ou no Facebook, por exemplo, poderia ampliar significativamente as chances de encontrar parceiro (a)s para a vida no mundo real. Para isso, as comunidades virtuais representam um atalho que, no ciberespaço, pode conduzir à felicidade.

As primeiras experiências de comunicação mediada por computador, por meio de redes sociais, se deu por volta de 1970, através de comunidades de interesses temáticos formadas a partir de interações do *BBSes - Bulletin Board Systems* e *newsgroups* da Usenet.⁴

Os sites de relacionamentos, autodenominados redes sociais, foram lançados nos Estados Unidos, em meados dos anos 90, tendo como referência os vínculos diretos estabelecidos entre colegas de classe e de colégios. Aguiar (2007) relata que uma segunda geração destes sites surgiu a partir de 2002, com o lançamento do Friendster.

...baseado no modelo de “Círculo de Amigos” (desenvolvido pelo cientista da computação britânico Jonathan Bishop), no qual os usuários constroem um perfil público (ou semi-público) a partir de dados estruturados em um formulário e o associam aos perfis de amigos, amigos de amigos e conhecidos com os quais possuem algum tipo de proximidade e de identidade na vida real, mediante uma rede de hiperlinks que conectam as páginas individuais. O Friendster alcançou uma inesperada audiência de massa (3,3 milhões de usuários) em menos de um ano, inicialmente apenas com propaganda espontânea de boca-em-boca entre técnicos do Vale do Silício, na região de São Francisco (AGUIAR, 2007, p.10).

Novos servidores do gênero são lançados entre 2003 e 2005, como MySpace, Facebook e Orkut. Em 2006 é a vez do Twitter. Uma gama de estudos vêm nesta nova

⁴ O BBS foi um sistema de comunicação via computador muito utilizado entre os anos 1970 e 90, através do qual pessoas trocavam mensagens, programas e textos informativos mediante uma conexão discada gerenciada por um programa específico. Muitos BBSes funcionaram gratuitamente durante longo tempo graças ao trabalho voluntário de SysOps (operadores de sistema), que exerciam papel semelhante ao dos moderadores de grupos de discussão. A Usenet (rede de usuários) foi concebida em 1979, na Duke University (EUA), como uma rede de computadores que compartilha mensagens e artigos postados em *newsgroups* (antecessores dos grupos de discussão), armazenados em diferentes instituições espalhadas pelo mundo e organizados tematicamente, de forma hierárquica. O modelo de comunicação é o de um para todos, dentro de cada grupo (ver <http://www.usenet.net/> e www.usenet.com). (apud Aguiar, 2007,p.9)

geração de softwares especializados uma fonte de entendimento das novas dinâmicas sociais que se criam a partir das práticas comunicacionais, e não só por pessoas comuns, mas por políticos e atores sociais ativos.

Segundo dados do relatório da ComScore⁵, divulgado em dezembro de 2012, o Facebook é a rede social mais utilizada no Brasil, seguida do Orkut, Twitter, ASK.FM e LinkedIn.

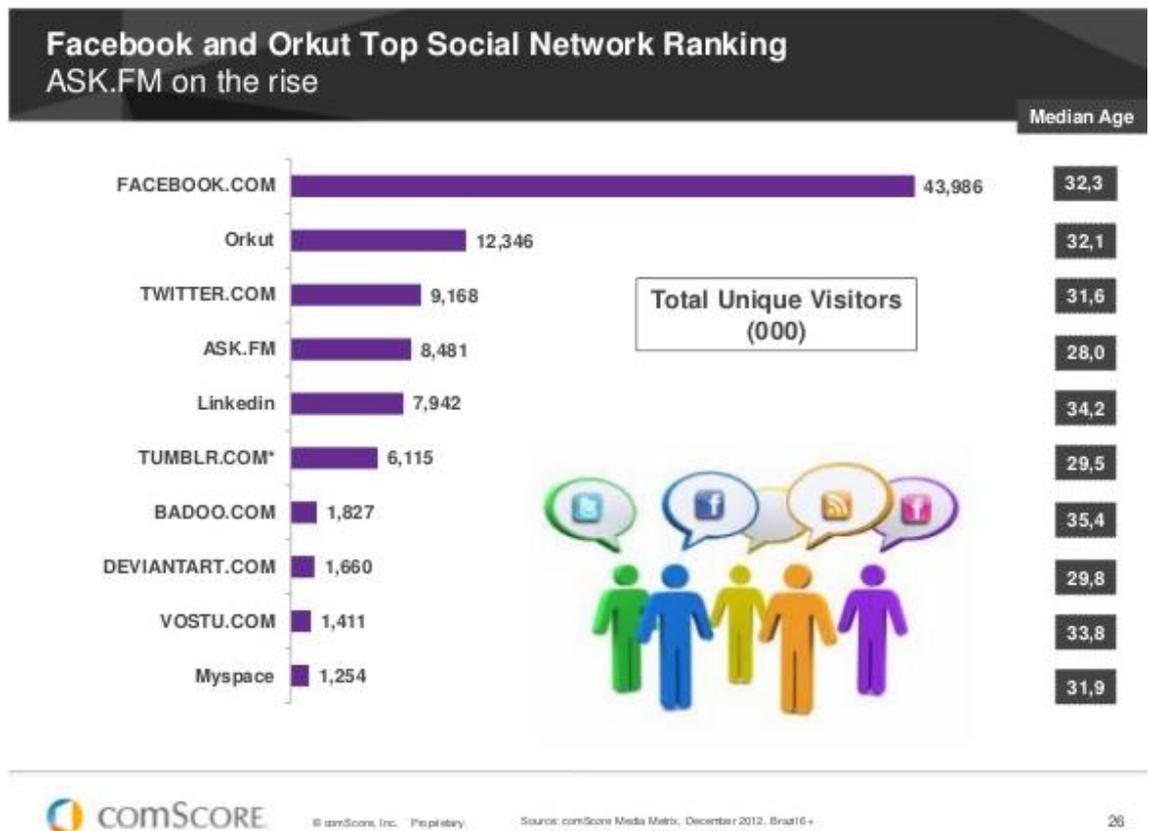


Figura 1: Redes Sociais mais acessadas no Brasil
Fonte: ComScore

Acioli (2007, p. 6) pondera: “Ao falar que as redes significa trabalhar com concepções variadas nas quais parecem misturar-se ideias baseadas no senso comum, na experiência cotidiana do mundo globalizado ou ainda em determinado referencial teórico-conceitual”.

⁵ O relatório completo da pesquisa realizada pela ComScore pode ser encontrado no endereço: <http://www.slideshare.net/idegasperi/dados-comscore-2013-sobre-o-comportamento-brasil>

O conceito de *redes* é tributário de um conflito permanente entre diferentes correntes nas ciências sociais, que criam os pares dicotômicos – indivíduo/sociedade; ator/estrutura; abordagens subjetivas/objetivistas; enfoques micro e macro da realidade social -, colocando cada qual a ênfase analítica em uma das partes. Por exemplo, a antropologia estrutural entende as redes como descritivas, servindo para identificar o caráter perene das organizações e dos comportamentos sociais. Já a linha do individualismo metodológico desconstrói essa concepção, privilegiando o ponto de vista do agente que produz sentido, e as relações sociais na formação do seu agir. As redes surgem como um novo instrumento face aos determinismos institucionais (MATELETO, 2001, p.9).

Mateleto (2001, p. 11) afirma ainda que “nas redes sociais, há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas”, o que corrobora o que aqui já foi comentado: nas redes sociais, o indivíduo busca encontrar seus semelhantes a partir de um processo de identificação, e, muitas vezes os *clusters* estabelecidos nessas redes acabam se configurando como comunidades virtuais.

Comunicação Comunitária (Breve Histórico)

A comunicação comunitária é um diferencial humano. Desde a formação dos primeiros agrupamentos, o conceito de grupo, comunidade vem se transformando junto com a própria sociedade. E, com ele, também se transforma o conceito de comunicação comunitária.

Para alguns, de forma genérica, ela teria surgido com a necessidade de se democratizar a informação, ou seja, como instrumento para ampliar o acesso à informação e também para fomentar o debate entre comunicação, educação e comunidade, em reação às grandes empresas de comunicação, comumente detentoras do poder de informar e formar opiniões – o que nem sempre é sinônimo de informação isenta e também nem sempre aborda os problemas que realmente afligem a população.

Peruzzo (2002), por sua vez, opta por realçar a importância do casamento entre comunicação comunitária e cidade, escrevendo:

Nas últimas décadas, manifestações de tal ordem, ocorridas ao nível da sociedade civil, vêm revelando a existência de uma comunicação diferenciada, a partir dos envolvimento acima referidos,

principalmente aqueles gerados no seio das camadas subalternas da população, ou a elas ligados de modo orgânico. As pessoas, ao participarem de uma *práxis* cotidiana voltada para os interesses e necessidades dos próprios grupos a que pertencem ou ao participarem de organizações e movimentos comprometidos com interesses sociais mais amplos, acabam inseridas num processo de educação informal que contribui para a elaboração - reelaboração das culturas populares e formação para a cidadania (PERUZZO, 2002, p. 8).

Tal como outros autores, também destacam o período dos anos 1970 como uma espécie de marco inicial para o conceito de comunicação comunitária mais próximo do momento atual, em especial após o advento da rede mundial de computadores.

Olivieri (2003, p. 22), por exemplo, assim analisa: O advento de um ciberespaço aponta para essa realidade em construção. Por se encontrar constantemente em definição, o ciberespaço é propício ao desenvolvimento criativo de possibilidades.

Segundo Pierre Lévy (1994, p. 40), o ciberespaço é um fenômeno decorrente de demandas sociais historicamente datadas na crise de paradigmas da virada do século XX para o XXI.

Nos anos 2000, uma nova rota se estabelece com a disseminação do acesso à internet provocando outra revisão histórica. Souza (2009) comenta:

O tempo em que vivemos se sustenta em paradigmas diferentes dos das décadas de 1970 e 1980. Esses novos paradigmas são novos para nós que os vimos surgir, mas são referenciais dominantes para os que já nasceram e vivem em sua plena vigência. Porque a sociedade é dinâmica e movente e está em constante transformação, esses novos referenciais tendem a se reconfigurar, tornando-se igualmente anacrônicos para a geração seguinte, em um ciclo infinito (Souza, 2009, p. 28).

No século XXI, a história da comunicação comunitária se reescreve ainda uma vez, com o advento das redes sociais na internet, que passam a congregar uma gama cada vez mais diferenciada e “especializada” de pessoas. Em outras palavras, a diversidade de interesses e afinidades se esfacela, multifacetando os agrupamentos e permitindo ao indivíduo inserir-se em diferentes comunidades.

Essa fragmentação cria universos paralelos e que interagem entre si, sem perder suas características básicas. O resultado pode-se dizer, é um indivíduo que desconhece as barreiras de distância física, e reconhece seus pares através da rede mundial de computadores, num universo virtual que se expande indefinidamente.

Comunidade Virtual X Comunidade Real

O francês Pierre Lévy, em 1998, escreveu: “A Revolução Contemporânea das comunicações, da qual a emergência do ciberespaço é a manifestação mais marcante, é apenas uma das dimensões de uma mutação antropológica de grande amplitude”. (LÉVY, 1998, p. 66).

Refere-se o pesquisador à proliferação de comunidades no ciberespaço, que criaram novos universos e os colocaram ao alcance da identidade pretendida ou ostentada pelo indivíduo.

Já não há o isolamento compulsório – à exceção das regiões geográficas empobrecidas, onde o acesso à rede mundial de computadores é inexistente. O indivíduo pode escolher a que grupo se associar, em que universo se inserir, em acordo com suas vontades e anseios.

Mais do que isso, a interconexão, a inserção em diferentes grupos, torna-se quase compulsória ela própria, como forma de manter a própria identidade.

Como pondera Lévy (1998):

Pretendo apenas indicar que a melhor forma de manter e desenvolver uma coletividade não é mais construir, manter ou ampliar *fronteiras*, mas alimentar a abundância e melhorar a qualidade das *relações* em seu próprio seio bem como com outras coletividades. O poder e a identidade de um grupo dependem mais da qualidade e da intensidade da sua conexão consigo mesmo do que da sua resistência em comunicar-se com o seu meio (LÉVY, 1998, p. 75).

As reflexões do pesquisador francês são ainda atuais, mesmo passados 15 anos de sua formulação. Para ele, as técnicas de comunicação e de tratamento da informação manifestam a densidade comunicacional máxima, ou a centralidade atual, e isso, ao menos de duas maneiras complementares: “exterior” (político-econômica) e “interior” (relacional e cognitiva).

Na face interna, que interessa mais particularmente para este artigo, as redes de computadores carregam uma grande quantidade de tecnologias intelectuais que aumentam e modificam a maioria das capacidades cognitivas: memória (banco de dados, hiperdocumentos), raciocínio (modelização digital, inteligência artificial),

capacidade de representação mental (simulações gráficas interativas de fenômenos complexos) e percepção (síntese de imagens especialmente a partir de dados digitais). O domínio dessas tecnologias intelectuais dá uma vantagem considerável aos grupos e aos contextos humanos que as utilizam de maneira adequada (Lévy, 1998, p. 79).

Mendonça (2007) busca expandir as reflexões de Lévy, relatando que elementos diversos e interconectados por links ou interfaces de interligação constituem as cibercomunidades. As relações são construídas a partir da troca, simbólica ou não, da velocidade imediata do conhecimento, do real ou do imaginário.

É certo que as tecnologias para a informação e comunicação incidem sobre as relações sociais de uma maneira muito particular, sobrepondo-se às relações sociais concretas, tais como se desenrolam no seio das comunidades tradicionais. “No entanto, as condições já vividas pelo homem o remetem a condições de assimilação e entrosamento permanentes, em redes sociais dinâmicas e participativas” (MENDONÇA, 2007, p. 15).

A comunicação ao permitir o arranjo estrutural da circulação da informação conforma a sociedade de acordo com as especificidades e estruturas de cada meio em sua dada época. Foi assim com a oralidade, a escrita, a imprensa, os meios eletrônicos e agora, com a internet.

Souza (2009) explicita:

Hoje, estamos vendo o advento do paradigma do *bit*. *Bit* é uma palavra em inglês formada pela união do sintagma “*Binary digiT*”, ou dígito binário, fazendo referência ao mundo digital, à vida digital. *Bit*, por extensão, significa uma pequena porção de informação. Assim, ainda que para muitos não seja totalmente perceptível, estamos nos movendo de uma era do concreto para uma era do abstrato, de uma era da indústria de manufatura para a uma era da indústria da informação. Schaff (1990) chama a sociedade contemporânea de “Sociedade Informática”. Lévy (1996, 1999) chama a atenção em seus trabalhos para o modelo virtual emergente e para essa nova mentalidade a que chama de “cibercultura”. Castells (2003) nomeia esse espaço de discursividade como “A galáxia da Internet”, fazendo um claro paralelo com o que McLuhan (1972) chamou de “A galáxia de Gutenberg”. Independente do rótulo, que mais aponta o recorte dado por quem rotula do que altera o caráter constitutivo do fato rotulado, é certo que a sociedade atual está em pleno processo de reestruturação conceitual. Mais do que uma era de mudanças, estamos protagonizando uma mudança de era, com tudo que isso implica (SOUZA, 2009, p. 17).

Esse mesmo raciocínio de transformação pode ser aplicado às relações sociais e as comunidades. As dificuldades diárias tem inibido a aproximação das pessoas fisicamente. Mas fator estes que não implicam na procura de outras formas de compartilhamento de interesses em comum.

Faz necessário citar Henrique (2005, p.9), que por sua vez, volta a ressaltar os conceitos de comunidade, lembrando que, em tempos mais distantes, “se costumou denominar comunidade: um grupo de pessoas em relação de vizinhança que compartilhava, além do espaço, a produção, as tradições e os problemas surgidos nesta convivência”.

Se aplicarmos tal entendimento às redes sociais, teremos que os usuários da internet buscam agrupar-se de acordo com seus interesses e preferências individuais, formando associações sem número definido ou limitado, sempre em busca da ampliação do círculo de relacionamentos de cada um de seus integrantes.

O mesmo Henrique (2005, p.12) aponta o caminho para o entendimento de tal situação, quando estabelece que “a comunicação e a informação interferem nas relações sociais e na organização do tempo e do espaço”. Desta sorte, a organização das redes sociais na rede mundial de computadores se dá a partir das necessidades individuais.

Pode-se afirmar que a eliminação da distância geográfica, no mundo virtual, é fator agregador. Mesmo assim, os riscos que a permeiam são constantes, com perfis falsos e assédio de toda espécie, como se comprova pelas frequentes notícias veiculadas em todas as mídias.

Embora o paradoxo seja evidente, é preciso ressaltar que as nuances otimistas se sobressaem e servem de atrativo para a adesão constante às diversas redes sociais e às comunidades nelas existentes.

Menezes e Sarriera (2005, p.15) definem com propriedade o paradoxo constatado, quando afirmam que: “Já não basta um olhar unidirecional, mas sim uma diversidade de visões e posicionamentos que contribuem para a configuração das redes sociais em uma aproximação, cada vez maior, à realidade”.

Esses autores aprofundam o entendimento das modernas redes sociais, quando estabelecem:

Podemos definir as redes sociais como um sistema aberto em permanente construção, que se constroem individual e coletivamente. Utilizam o conjunto de relações que possuem

uma pessoa e um grupo, e são fontes de reconhecimento, de sentimento de identidade, do ser, da competência, da ação. Estão relacionadas com os papéis desempenhados nas relações com outras pessoas e grupos sociais constituindo-se nas práticas sociais que no cotidiano não se aproveitam em sua totalidade (MENEZES; SARRIERA, 2005, p. 17).

Ambos estabelecem, ainda, que existe um novo parâmetro para a análise das redes sociais, “fazendo jus à possibilidade de nos conectarmos virtualmente e de já não mais ser obrigatória a presença ou proximidade física para exercer as funções da rede social”.

Ora, se a presença física já não é obrigatória, tem-se a criação de um mundo novo, paralelo à vida física, que se desenrola no terreno do ciberespaço. É esta nova fronteira que caracteriza o século XXI e que permeia os tempos atuais, numa transição do físico para o não físico, do real para o virtual. Talvez seja este o charme das redes online: a possibilidade de agregar pessoas com interesses e objetivos comuns, sem que elas necessitem deslocar-se para manter contato com seus iguais.

Ainda tomando por base Menezes e Sarriera, temos uma visão das redes sociais físicas na primeira metade do século XX, qual seja:

Na época, os esposos mantinham seus relacionamentos sociais basicamente atrelados à família de origem, morando perto, trabalhando junto e considerando seus parentes também como seus amigos. A partir da rede individual de cada cônjuge, se entretecem as duas redes que, pela conectividade entre alguns membros, vão se formando tecidos comuns da família. Nos resultados observaram que, quanto mais diferentes eram os papéis do casal, mais estreita era a malha homofílica de relações, ou em outros termos mais densa era a rede social de cada cônjuge (MENEZES; SARRIERA, 2005, p. 18).

Na escola, se passou do foco de estudo intergrupar, para um foco mais abrangente: A rede social dos alunos e suas famílias. O foco de estudo varia desde a compreensão da adaptação e rendimento acadêmico até as relações das escolas com as famílias, o entorno e as comunidades (MENEZES; SARRIERA, 2005, p. 19).

Com a ampliação do alcance das redes sociais físicas, pode-se considerar um processo natural a larga escala atingida pelas redes sociais virtuais. Sejam físicas ou virtuais, as redes sociais tem reflexos inegáveis – positivos e negativos – sobre seus integrantes.

Nas áreas profissionais e na saúde, especialmente, podem significar sucesso de adesão a tratamentos ou mesmo queda de rendimento no exercício das atividades laborais. No entanto, tudo depende – sempre – do uso que é feito do acesso à rede mundial de computadores e da frequência de contato real com os demais integrantes de cada comunidade.

Virtual e real se complementam, sempre que há vontade de seus integrantes. Como exemplo, pode-se citar movimentos em defesa de animais, causas políticas específicas e situações sociais comoventes. Recentemente, exemplo de mobilização virtual que se consolidou no mundo real foi o socorro às vítimas dos deslizamentos ocorridos na região serrana do Rio de Janeiro, em 2011 e os protestos sobre o aumento das tarifas do transporte (ônibus), que alterou a situação geográfica das comunidades atingidas.

A mobilização ocorrida através da internet – por meio de correntes de e-mails, Twitter e Facebook -, possibilitou que comunidades suprissem suas necessidades.

Do virtual para o real, a mobilização mostrou-se poderosa e solidária. Recuero (2004) lembra que:

A análise das redes sociais parte de duas grandes visões do objeto de estudo: as redes inteiras (whole networks) e as redes personalizadas (personal networks). O primeiro aspecto é focado na relação estrutural da rede com o grupo social. De acordo com esta visão, as redes pessoais são assinaturas de identidade social - o padrão de relações entre os indivíduos está mapeando as preferências e características de alguém, o centro da rede. O segundo foco estaria no papel social de um indivíduo, que poderia ser compreendido não apenas através dos grupos (redes) aos quais ele pertence, mas, igualmente, através das posições que ele ocupa nessas redes. A diferença entre os dois focos está no corpus da análise escolhida pelo pesquisador: a rede inteira foca em um grupo determinado, a rede personalizada, em um indivíduo (RECUERO, 2004, p. 14).

Para Recuero (2004), é preciso estar alerta porque uma simples adesão, sem interação, não caracteriza a formação de uma rede/comunidade virtual, pois não representa uma ligação emocional que possa ser vivenciada no mundo real.

Essa relação de interatividade, participação é a semelhança básica entre as comunidades virtuais e as comunidades reais. Ambas precisam de envolvimento dos

integrantes. A ponto dos usuários poderem “pular” do virtual para o mundo real a qualquer momento.

Recuero (2004) apresenta uma definição que parece ser a que melhor desenha o que é a interação entre as redes sociais virtuais e reais:

A comunicação mediada por computador pode ser muito eficiente no estabelecimento de laços sociais porque facilita sua manutenção. Basta um comentário em um weblog ou fotolog, um e-mail ou uma breve conversa no ICQ e já se mantém um laço social existente. Portanto, parece-nos que a comunicação mediada por computador (CMC) pode facilitar a constituição de laços tanto fracos quanto fortes e contribuir para reduzir a distância entre as pessoas (RECUERO, 2004, p. 23).

A partir da formação de grupos com interesses comuns, a nova forma de sociabilidade (aquela que se dá no mundo virtual da Internet e se propaga no real através de efeitos sociais concretos) propõe ao indivíduo a possibilidade quase infinita de unir-se a comunidades diferentes, em consonância com seus diferentes interesses.

De gostos pessoais a convicções políticas, de preferências artísticas a afinidades científicas, tudo se transforma em fator agregador para novos grupos. Inserir-se neles – cada um com seu chamariz – é opção do indivíduo, que pode explorar suas múltiplas facetas em comum com aqueles que a ele se assemelham através de interesses afins.

Considerações Finais

Com o advento da internet, o conceito de comunicação comunitária ganhou novos contornos e dimensões. As redes sociais virtuais resultam na formação de comunidades com finalidades específicas, que extrapolam a interação social e se transformam, por exemplo, em movimentos de aglutinação em torno de um tema específico.

Bom exemplo disso foi o chamado “compartilhamento” (termo que define postagem replicada incontáveis vezes, adquirindo o caráter viral e atingindo usuários dos mais diferentes matizes) do Facebook relativo à convocação de manifestantes para

protestar nas ruas contra o aumento da tarifa do transporte público, inicialmente em São Paulo.

Com o slogan “Vem pra rua”, a mensagem circulou pelo Facebook e pelo Twitter sendo reproduzida incontáveis vezes e provocando reação no mundo real, demonstrando a capacidade de mobilização que as redes virtuais possuem.

Do virtual para o real, o tema de interesse geral, permeado pelo matiz político, mobilizou milhões de usuários.

Espaço em expansão e em constante mutação, as comunidades virtuais são ainda uma dimensão a ser explorada da sociabilidade humana.

O aparentemente inesgotável potencial de desenvolvimento tecnológico afeta diretamente sua dimensão – seja em alcance real (geográfico), seja em alcance virtual (capacidade de agregar milhões de indivíduos).

E é neste universo que a comunicação se desenvolve ganhando novos conceitos, agregando e/ou perdendo valores, revendo seus próprios sentidos e finalidades.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Sônia. **Redes Sociais na Internet Desafios na Pesquisa**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.

ACIOLI, Sônia. Redes Sociais e Teoria Social: Revendo os Fundamentos do Conceito. **Revista Informação & Informação**, v.12, n. esp., Londrina, 2007. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewArticle/1784>. Acessado em 2/junho/2013.

CABRAL, Adilson. **Comunicação Comunitária no Século XXI**. Disponível em <http://www.comunicacao.pro.br/artcon/comcom.htm>. Acessado em 04 de set/2013.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, vol. 9, núm. 17, março-agosto, 2005, pp. 235-248. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1801/180114100003.pdf>. Acessado em 2/junho/2012.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social**. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005; Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em

<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18042/1/R0941-1.pdf> Acessado em 28/maio/2012.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: para uma antropologia do ciberespaço.** Instituto Piaget. 1994

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34. 1996

_____. **A máquina universo: criação, cognição e cultura informática.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **Cibercultura.** São Paulo: 34, 1999.

LOIOLA, E.; MOURA, E. Análise de redes: uma contribuição aos estudos organizacionais. In: FISHER T. M. (Org.). **Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais.** 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MENDONÇA, R. F. Movimentos sociais e interação comunicativa: a formação da comunicação sem sujeito". **Contemporânea. Revista de Comunicação e Cultura.** Salvador, vol. 4, nº 1, 2007. p. 73-98.

MENEZES, Maria Piedad Rangel e SARRIERA, Jorge Castellá. Redes sociais na investigação psicossocial. **Revista Aletheia**, Canoas, n. 21, jun. 2005, p. 53-67. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942005000100006&script=sci_arttext. Acessado em 2/junho/2012.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Imprensa das classes subalternas: atualização e atualidade de um conceito.** In: II Simpósio Estadual das Lutas Sociais na América Latina, 2., 2010.

OLIVIERI, Laura. **A importância histórico social da rede.** São Paulo: Escrituras, 2003.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** São Paulo: Intercom, n 2, v XXV, p. 71-88, 2002

RECUERO, Raquel da Cunha. **Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs.** Anais do Núcleo de Pesquisa (NP-08) de Tecnologias da Comunicação e Informação do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM, setembro de 2004, Porto Alegre/RS. Disponível em <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17792/1/R0625-1.pdf>. Acessado em 2/junho/2012.

SOUZA, S. A. F. A Internet. **Linguagem & Ensino.** v. 2, n. 1. Editora da UCPel: Pelotas, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.